OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, moeda forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)	4$000	2$000	-$-	-$-
Extrangeiro (união geral dos correios).	5$000	2$500	-$-	-$-

8.º ANNO — VOLUME VIII — N.º 229

1 DE MAIO 1885

REDACÇÃO — ATELIER DE GRAVURA — ADMINISTRAÇÃO

LISBOA. L. DO POÇO NOVO, ENTRADA PELA TRAVESSA DO CONVENTO DE JESUS, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos a Francisco Antonio das Mercês, administador da empreza.

CHRONICA OCCIDENTAL

Paulus, o rei da cançoneta, foi a novidade da semana.

Pode-se gostar muito, pode-se não gostar nada: isso é uma questão com o genero.

Agora o que é innegavel é que, dentro d'esse genero, Paulus é realmente uma notabilidade.

Eu francamente não morro d'amores pela *chansonette* e sobretudo pela *chansonette* d'hoje: chego mesmo a não comprehender porque é que tem graça algumas d'essas canções, o que é que lhe acham, como é que fazem carreira, como é que attingem a celebridade: mas nada d'isso obsta a que considere Paulus como uma celebridade verdadeira, celebridade de café concerto, celebridade n'uma arte que muitos contestam que seja arte, mas em summa celebridade.

Na cançoneta Paulus é tão grande como Sarah Bernhardt no drama, Judic no vaudeville, e Rossi na tragedia — a differença está unicamente no genero.

Paulus pertence a um d'esses generos em que ainda ha reis. Ora isto de reis em cartaz é um signal evidente da inferioridade do reino artistico a que pertence o annunciado monarcha.

Ha rainha das aguas, rainha do fogo, rei dos tambores... Nunca se lembrou ninguem de chamar rei dos tenores a Gayarre, rainha das prima-donas á Devriés, nem rei dos poetas a Victor Hugo.

Nas artes e nas lettras a republica tem-se sabido manter com muito mais energia que na politica, e só os pequenos paizes que lhes são adjacentes, os paizes insignificantes, reles, muito secundarios, é que ainda conservam realezas.

Por isso o publico quando viu annunciar-se Paulus como rei da cançoneta, ficou logo de pé atraz. Talvez fosse mesmo por essa posição muito encommoda para avançar, que elle não chegou até ao Gymnasio.

Effectivamente Paulus em Lisboa teve grande *successo*, mas grande *successo* feito por um pequeno publico.

O theatro do Gymnasio nunca passou das meias casas em noites do rei da cançoneta. É verdade que essa meia casa era composta por tudo o que ha de mais distincto na nossa sociedade elegante e litteraria.

Um bello publico, o que applaudiu Paulus.

Elle, o celebre *chansonnier*, se conhecesse a qualidade d'esse publico devia ficar muito contente: mas o sr. Schurman é que não deve lá estar muito satisfeito. A qualidade d'espectadores era muito boa, d'accordo, era superfina; mas a quantidade é que deixava muito a desejar.

Ora eu creio que no cartaz do Gymnasio não

A CERVEJARIA LEÃO DE OURO, INAUGURADA EM 16 DE ABRIL DE 1885 (Desenho do natural por J. Christino)

foi só o epitheto de rei da cançoneta que afugentou grande parte do publico: foi tambem, e principalmente talvez, o preço d'entrada.

Realmente esse preço era um pouco subido, relativamente aos nossos usos theatraes.

Por isso um amigo do sr. Mendonça e Costa dizia ao sahir do Gymnasio no fim da primeira recita de Paulus.

— Este espectaculo é magnifico para uma salada.

— Para uma salada?

— Sim, é um espectaculo que tem muita pimenta nas cançonetas e muito sal nos bilhetes.

O que é certo é que Paulus é extraordinario na sua especialidade.

O genero cançoneta é muito pouco nosso conhecido.

Os francezes morrem por isso. É verdade que servida entre um copo de cerveja e uma fatia de queijo Gruyere, a cançoneta tem um sabor muito differente, do que dada a secco n'uma sala fechada, sem a liberdade do chapeu na cabeça e do charuto na bocca.

Mas assim mesmo, com todas essas liberdades, os lisboetas não saboreiam muito a *chansonnette*, e quando o Furtado Coelho pensou um dia em transformar a esplanada dos Recreios em Campos Elysios perdeu um par de vintens menos mau.

Depois além do genero ser pouco saboreado cá, é muito parisiense, tem referencias muito locaes, e uma graça muito especial que só pode ser apreciada bem por quem comprehenda todas as allusões, todos os *tics*, todas as modernidades *boulevardières* d'essas *chansonnettes*.

Pois apesar de tudo isso Paulus tem tanta graça, é na verdade tão insigne, tão original, tão extraordinario n'esse genero, que o publico, embora não comprehendesse bem a graça da maior parte das cançonetas, comprehendeu logo que Paulus era um talento especial, extranho, mas um talento a valer, e applaudiu-o muito.

A companhia que o rodeava é que era uma companhia extremamente insignificante. E não podia deixar de ser assim.

Comprehende-se perfeitamente que nenhum artista de certa cathegoria, se sujeitava a figurar n'uma troupe, cuja *estrella* era Paulus, o mais celebre cantor de cançonetas de Paris, mas no fim de contas um cantor de café concerto, uma celebridade dos Campos Elysios

Ainda assim, n'essa companhia vinha um actor comico que não era de todo mau, o centro comico.

O repertorio era todo conhecido já do nosso publico, á excepção de duas comedias que fizeram certo *successo* em Paris: *Le petit Ludovic* e *La voyage au Caucase*.

Le petit Ludovic já nós conheciamos de leitura ha muito tempo: tem uma idéa comica, bem aproveitada sobretudo nos dois primeiros actos, tem situações bem achadas, mas parece-se muito, tanto na idéa inicial como em bastantes pontos da contestura, com a comedia de Najac e Hennequin, *Nounou*, que este anno o Gymnasio deu em beneficio da actriz Beatriz, imitada com o titulo de *Lulu*.

A *Viagem ao Caucaso*, que é muito recente e ainda não está impressa, tem uma idéa extremamente comica, que se parece tambem com a idéa d'outra peça, dada ha bem pouco tempo ainda no theatro de D. Maria, *A Radiante*, e feita sob os modelos da *comedia buffa* que está hoje imperando em Paris, perde-se por muitas vezes n'um labyrintho de *charge* carregadissima, que os francezes saboreiam muito mas que tem estragado um bom par de idéas comicas dignas de mais cuidado trabalho.

Em summa o defeito da *Viagem ao Caucaso* é o defeito theatral do nosso tempo e com toda a certeza não seremos nós quem lhe atire a primeira pedra, porque não nos sentimos isentos de peccado.

Resumindo, a companhia franceza não agradou mas fez rir o seu bom bocado, e deu-nos umas noites alegres. Paulus agradou immenso, e o publico de Lisboa deve agradecimentos ao Freitas Brito por lhe ter proporcionado occasião de fazer conhecimento com um dos vultos mais celebrados do Paris de hoje.

No theatro de D. Maria tivemos tambem uma novidade litteraria franceza quasi da ultima hora, a *Denise* de Alexandre Dumas filho, que ha tres mezes alcançou tão famoso successo na *Comedie française* de Paris.

Do mesmo modo que em Italia, a *Denise* em Lisboa não seguiu o ruidoso caminho triumphante que encetou no theatro francez.

Porque?

O desempenho dos principaes papeis é magnifico, o *ensemble* da peça é excellente: porque motivo então não teve um grande *successo*, como a *Fedora* por exemplo e como a *Sociedade onde a gente se aborrece?*

Porque, parece-nos, a *Denise* não tem a originalidade espirituosa da famosa comedia de Pailleron, nem a intensidade tragica do drama de Sardou.

E o nosso publico hoje exige que ou o façam rir, ou o commovam fortemente.

Em não encontrando qualquer d'estas coisas no theatro não fica satisfeito.

Ouvimos mesmo alguns espectadores da *Denise* queixarem-se dos dialogos serem massadores.

Esta queixa feita dos dialogos de Dumas, mais nos confirma na nossa opinião; um dialogo póde ser muito bem feito, ter primores de linguagem, ter prodigios de estylo, em não tendo um interesse dramatico palpitante ou em não faiscando d'elle scintillações d'espirito que façam desabrochar sorrisos, o dialogo fatiga, cança, massa.

Todo o dialogo da *Sociedade onde a gente se aborrece* está cheio d'essas scintillações, todo o dialogo da *Fedora* vae n'um crescendo de interesse dramatico, d'ahi os excepcionaes *successos* d'estas duas peças.

Isto não é fazer a critica da peça de Dumas, é contastar a feição predominante do publico de Lisboa, é investigar a causa porque a *Denise* não teve entre nós o grande *successo* que teve em Paris.

O sr. Marcelino de Mesquita um poeta de talento, e auctor festejado d'um drama historico *D. Leonor Telles* que nunca vimos, mas que agradou muito quando foi representado por um grupo de curiosos no theatro de D. Maria, tem publicado agora nos jornaes de Lisboa, uma serie de artigos ácerca da suspensão d'ensaios imposta, pelo fiscal do governo junto ao theatro de D. Maria, ao seu drama original *A Perola* que tinha em ensaios n'aquelle theatro.

N'esta questão ha duas questões a tratar: primeiro se o fiscal tinha direito para suspender os ensaios, e segunda se teve razão para isso.

Emquanto á primeira questão o artigo do contracto da empreza de D. Maria com o governo, que a ella se refere diz o seguinte:

«Como garantia das obrigações para com o Estado, a empreza sugeita-se á nomeação d'um fiscal do governo, ao qual competirá a fiscalisação sobre todos os actos da administração do theatro com o direito de *suspender os espectaculos* que sejam contrarios ás condições do contracto, etc.»

Ora d'este artigo resalta clara e expressamente que o fiscal do governo não tem o direito de suspender os ensaios de peça alguma.

Porque, é perfeitamente logico, se o fiscal tivesse o direito de obstar á apresentação de espectaculos contrarios ás condições do contracto, o governo, com toda a certeza, em vez de consignar o seu direito de suspender os espectaculos, teria consignado o de os evitar.

E mesmo existindo o primeiro direito caducava o segundo, por inutil. Desde o momento em que o fiscal do governo tivesse o direito de impedir a representação de qualquer espectaculo contrario ás condições do contracto, tinha bem entendido o dever de o fazer, e portanto, o exercicio do direito de suspensão dos espectaculos só poderia ter logar dada a falta de cumprimento do primeiro dever do fiscal, obstar a esse espectaculo.

Tudo isto nos parece perfeitamente claro e por isso o dizemos, tanto mais que somos amigo velho do illustre cavalheiro que exerce o cargo de fiscal do theatro de D. Maria e prezamos de ha muito, como todos quantos o conhecem, a perfeita hombridade do seu caracter e os dotes elevados do seu espirito e fina illustração.

E demais nós comprehendemos excellentemente, ou pelo menos assim o crêmos, o que motivou a intervenção — para nós extemporanea e illegal — do fiscal do governo.

Sua ex.ª assistindo casualmente a um ensaio da peça — e se precisassemos de mais provas para a nossa interpretação da letra do contracto, tinhamol'-as n'este adverbio, porque, com toda a certeza, se o fiscal do governo tivesse o direito de prohibir os ensaios das peças que se dão no theatro de D. Maria, tinha *ipso facto*, a obrigação de conhecer todas as peças que ali entram em ensaios para exercer os seus deveres de fiscal — entendeu que a peça era contraria a qualquer das condições do contracto da empreza com o governo — naturalmente ás do art. 7.º — e para se furtar e furtar a empreza e o auctor da peça, a tudo que teria de desagradavel e de prejudicial a sua intervenção como fiscal do governo depois da primeira recita, aconselhou a empreza a que suspendesse os ensaios, e procurou o meio de conciliar todas as cousas, ou fazendo-se córtes na peça, ou o auctor retirando o seu drama, ou ouvindo-se previamente a opinião do ministerio do reino, para evitar um procedimento ulterior, até hoje nunca usado.

Effectivamente a prohibição da peça depois d'ella representada, ia prejudicar gravemente a empreza que perdera com ella os seus ensaios, e o auctor que ficava com a sua peça inutilisada, pondo de parte tudo o que traria de desagradavel o escandalo da suspensação.

O fiscal do governo podia fazer tudo isto officiosamente: officialmente nada podia fazer, porque nada tem com as peças que se ensaiam em D. Maria, e só tem depois d'ellas se representarem.

O governo, nomeando um fiscal para o theatro de D. Maria, não nomeou nem podia nomear um censor previo; lá tinha o art. 570.º do Codigo Civil a prohibir-lh'o.

A empreza de D. Maria tem pelo seu contracto com o governo, obrigação de pôr em scena todos os originaes portuguezes que lhe apresentem, excepto sendo de grande espectaculo.

Quando por qualquer motivo entenda que não deve pôr uma peça original, o auctor póde apellar para o governo.

O fiscal nada tem que vêr com isso, e só depois da peça se representar é que póde mandar suspender as suas representacões, caso entenda que essa peça contraria o contracto; não tem intervenção preventiva, tem apenas intervenção repressiva.

Parece-nos que é esta a verdade quanto á primeira questão.

Quanto á segunda, se havia ou não razão para suspender os ensaios da peça, o que é muito differente de haver direito, porque póde haver qualquer das coisas sem a outra, em breve o publico e a critica o ajuizarão.

A peça do sr. Marcelino de Mesquita, a *Perola*, está em ensaios no theatro do Principe Real onde sobe á scena na noite de 15 do corrente.

N'essa noite o publico verá de que lado estava a razão, se do fiscal do governo, se do auctor da peça, que se recusou a fazer-lhe modificações.

E até lá nada mais podemos dizer sobre o assumpto.

Gervasio Lobato.

UMA CERVEJARIA — MUSEU

Em boa hora d'enthusiasmo innovador os fantasistas pintores, que compõem o triumphante «grupo do Leão», — tão celebrado já e estabelecido e applaudido n'esta capital formosa, que é de marmore e de fabuloso granito sobretudo para as esturdias manifestações artisticas, — se lembraram de decorar originalmente as paredes da escolhida cervejaria onde passam as noites em alegre convivio amigo, e que, depois de certa mudança, se investiu do titulo colorido de *Leão d'ouro*, como que evocando a tradição lentamente apagada das velhas estalagens, que se vão esborrondando e sumindo na poeira tenebrosa e bafienta do esquecimento, n'uma sepulchral subversão de romantisados cardanhos ramalhetados com verde loureiro, rubicundas e roliças Maritornes, maus lençoes povoados de pulguedo, guisados frustes d'aldeia, vinhos azêdos, não esquecendo os celebres assaltos feitos, ás horas caladas da noite, por barbudos homens de fera catadura reforçada pelo trabuco das lendas. Pois, vivamente impulsionados pelo seu capricho, e com um absoluto desinteresse quasi nababico, conseguiram em pouco tempo transformar uma loja acachapada de tosca estructura, n'uma especie d'interessante museu-livre, faustosamente forrado com pinturas opulentas, de caracter vario, nas quaes cada um pôz sem duvida o melhor do seu talento, atiçado pelo esforço nobre d'emulação n'este pittoresco, saudavel, e fecundo concurso. E creio que d'ora em diante muito forasteiro ha de ir ao *Leão d'ouro* examinar attentamente os quadros que o ornamentam, se lhe convier saber qual o cothurno e o pulso d'alguns modernos artistas portuguezes, que ainda não acharam nas galerias nacionaes, albergadas sob a negra aza madrasta do peco estado, um pobre modesto logar para um só quadrinho bem pequenino.

Entra-se, e olhando para a direita por uma supersticiosa precaução d'enguiço, admira-se logo a tela ampla onde Malhôa pintou um effeito ridente, vermelho e radiante d'alvorada, desabrochando luminosamente sobre um deserto bréjo, n'uma suprema explosão d'ouro e sangue transparentemente fundidos, com alguns farrapos isolados de

nuvem que parecem coagulados, escurecidos e avêssos á serena festa musicante da mocidade do dia, gorgeiada pelos passaros. Debaixo do ceu resplandecente a paysagem plana e verdosa desdobra-se ainda confusamente, empastada de sombras, aereamente velada pela fulva luz diaphana que vem amarellecer as aguas baças do primeiro plano, onde umas tufadas tabúas se ramificam n'uma disparatada mancha japoneza, emquanto que, do outro lado, um barco escavacado emerge a prôa limosa e podre, lembrando a cabeça informe d'um monstro habitante da soalheira laguna. Evidentemente o artista apaixonou-se pelo seu assumpto, que lhe pediu uma verdadeira pyrotechnia de côr; foi sincero e exuberante, surprehendendo o flammante espectaculo da natureza acordando festivalmente; e com o pincel soube fazer obra de poeta. É tambem de Malhôa uma tira ao alto, trabalho de pequeno folego, em que, por traz d'umas enroscadas ramarias de macieira em flôr, se vê uma torre de negro aspecto perfilada no ar e cercada pelo vôo torneante e brincalhão das andorinhas, repatriadas no cortejo da primavera.

Em seguida, encontra-se um d'estes quadros magistraes de Silva Porto, uma paysagem repousada feita com a sua experiente superioridade, que sempre nos faz a impressão de que cada tom e cada toque por elle empregados sabem perfeitamente o logar que occupam, na obra d'arte, compenetrados e orgulhosos. Enche o lado esquerdo da tela uma cerrada massa verdenegra d'altas oliveiras, com as espessas folhagens duras esburacadas de sombras, os grossos troncos pardos e retorcidos sahindo do solo como convulsos braços de gigantes mal enterrados; algumas cabras pretas trituram herva pacificamente, no primeiro plano; depois, sob a atmosphera azul manchada largamente de branquejantes nuvens, estende-se o campo vestido d'uma verdura intensa, saciada de humidades, pondo em destaque algumas esqueletaes arvores nuas e outras já toucadas d'uma florente brancura primaveral. O conjuncto é d'uma tranquilla harmonia, simples e forte como a natureza.

João Vaz tem uma marinha, d'um encantador effeito decorativo. O sol põe-se, atravessando um dourado luzeiro translucido por cima d'uma lingua de casaria lisboeta, que se acinzenta na sombra; e nas aguas mansas do Tejo, onde o ceu esfumadamente brumoso se reflecte, uns barcos tapam o alvacento horisonte com o vulto escurentado das suas velas em calmaria, escorridas. Ha um sossego em todo o quadro, illuminado d'uma tepida claridade vaporosa e como coada, e executado sobriamente n'uma tonalidade quente e doce, alourada por vezes, que o torna um bello pedaço de pintura risonha, e ao mesmo tempo caracteristica n'esta cidade de beira-mar.

(Continúa) *Monteiro Ramalho.*

PONTE D. LUIZ I, NO PORTO

O Occidente, publica hoje em gravura a reproducção photographica do estado em que se acham os trabalhos da ponte metalica D. Luiz I, destinada a substituir a ponte pensil no Porto.

Essa obra gigantesca, que representa mais uma das conquistas arrojadas da engenheria moderna, offerece, com a grandiosidade da sua estructura, pormenores de montagem que definem uma serie de problemas scientificos profundamente concebidos e habilmente resolvidos.

A maior difficuldade d'esta construcção está sem duvida alguma na montagem do grande arco, e é a respeito d'ella que vamos dar alguns esclarecimentos, reservando para occasião propria uma descripção completa da ponte.

Principiou a montagem do arco pelas partes que se apoiam nos estribos, unindo-se successivamente as diversas peças na ordem em que se devem apresentar. Para sustentar as peças já montadas, até que as duas metades do arco se juntem e se apoiem uma na outra, empregam-se cabos de aço fixados no taboleiro superior. Esses cabos são dois para cada metade do arco, devendo o seu numero elevar-se á medida que fôr augmentando o pezo da parte montada, sendo primeiro seis e por fim oito, durante o ultimo pezo de montagem.

O levantamento das peças componentes do arco faz-se por meio de dois cabos que atravessam o rio, passando sobre grandes cabras e indo prender-se no taboleiro. Esses cabos servem de caixilho de deslisamento a quatro carretas, ás quaes são suspensas as peças que se vão levantando. As cabras que as suportam tomam diversas inclinações, de fórma que as carretas são conduzidas até ás differentes partes do arco, que vae adelgaçando desde a base até á parte superior.

Nas carretas passam pequenos cabos de aço que vão enrolar-se em cabrestantes postos em movimento por meio de uma machina de gazolina, tendo esses cabos na extremidade um gancho que toma as peças nas barcas e as conduz directamente ao lugar que devem occupar.

Os dous motores que põem em movimento os cabrestantes são do systema Otto, aperfeiçoado, e construidos na fabrica de Antoine Fetu & Deliège, de Liège, tendo a força de um cavallo. A explosão do gaz, que dá movimento ao embolo produz-se por meio de faiscas electricas sahidas de uma bobina Siemens, que existe dentro do cylindro do motor. As machinas estão collocadas na parte inferior das duas extremidades do taboleiro superior.

Só quando o grande arco estiver completamente montado é que poderá concluir-se o taboleiro superior, que repousa sobre elle na parte central e por fim montar-se-ha o taboleiro inferior que fica suspenso d'aquelle.

O pezo total do arco é de 1:500 toneladas e o de toda a parte metalica da ponte eleva-se a 3:000 toneladas approximadamente.

Como é sabido, a ponte é construida nas officinas de Willebroeck, situada ao lado de Malines, proximo de Bruxellas.

O projecto pertence ao insigne engenheiro mr. Seyrig, e a construcção está sendo dirigida pelo distincto engenheiro o sr. Adolpho Maury.

Á data em que escrevemos estes apontamentos, os trabalhos de montagem acham-se interrompidos por falta de material, sendo tal falta devida a circumstancias extranhas á vontade dos empreiteiros e ao desenvolvimento que tem tido nas officinas a fabricação do referido material, onde elle está de ha muito accumulado, dependendo a sua expedição do previo exame do engenheiro encarregado pelo nosso governo de fiscalisar os trabalhos, junto da fabrica constructora.

Porto, abril.

Manuel M. Rodrigues.

AS NOSSAS GRAVURAS

VISCONDE DE CARNIDE

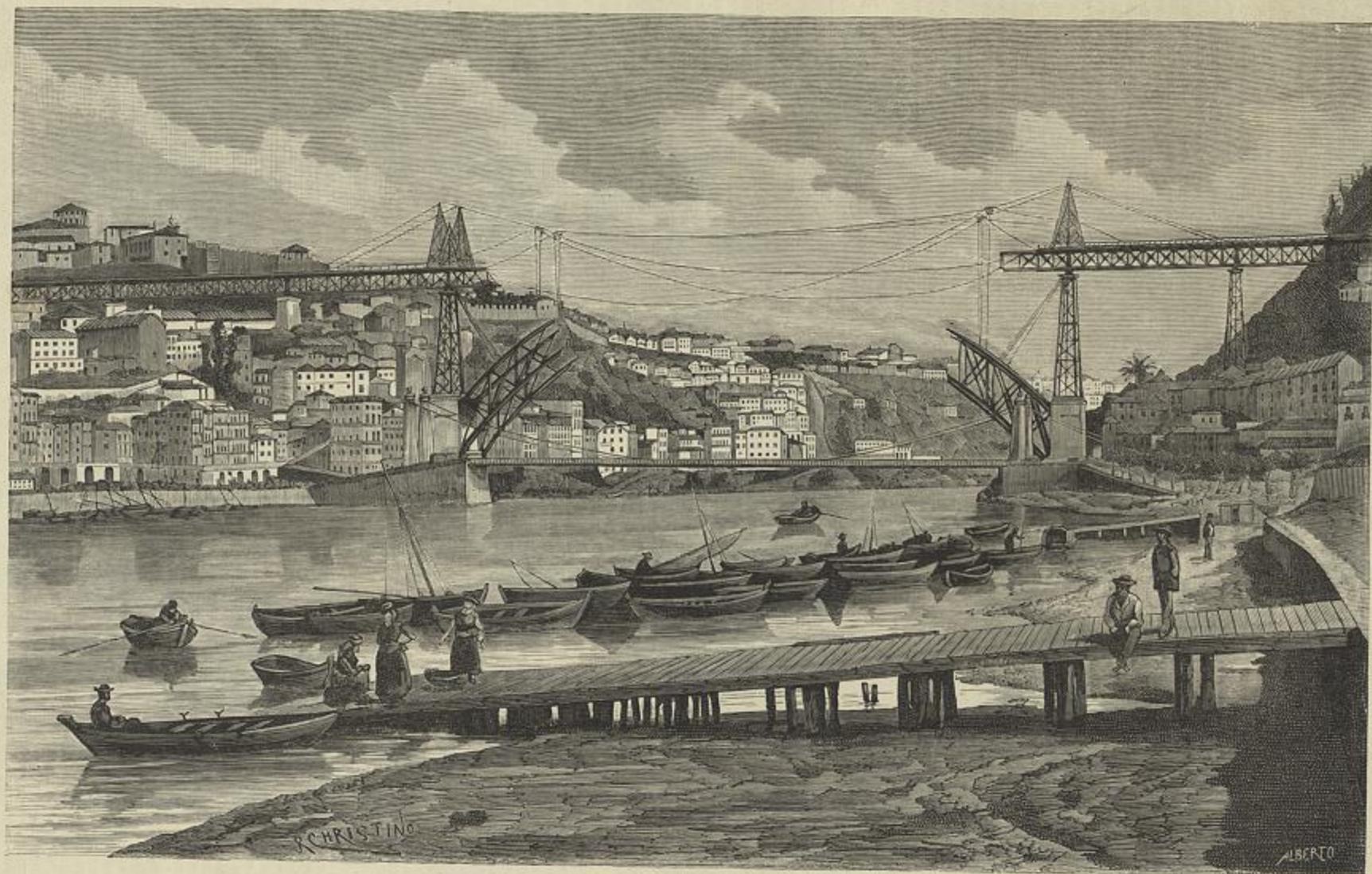
O sr. José Street d'Arriaga e Cunha, visconde de Carnide, nasceu a 18 de agosto de 1805, e falleceu, na sua casa de Carnide, a 19 de março ultimo, depois de uma larga vida, utilmente empregada, que póde ficar de exemplo a tantos, que se julgam dispensados de trabalhar, porque a fortuna herdada os pôz a coberto dos baldões da sorte.

Formou-se em philosophia na Universidade de Coimbra, tendo apenas 21 annos de edade, e havendo por este tempo fallecido seu pae, o sr. Guilherme Street d'Arriaga e Cunha, tomou posse da avultada fortuna que este possuia, tendo o raro bom senso de se não deixar allucinar pelas riquezas assim adquiridas, sentindo desde logo que o seu dever era ser util á sociedade, e á terra em que nascera. Em 1826 sahia de Portugal, para continuar as viagens anteriormente encetadas, residindo por alguns annos em Italia, França e Inglaterra, augmentando o peculio dos conhecimentos já adquiridos, com especialidade os agricolas, que sempre lhe mereceram uma particular predilecção. Em 1835 vêmol-o de regresso a Portugal, tendo casado, dois annos antes, com miss Jane Caroline Shearman, fundando por esse tempo com o conde de Farrobo, e outros, a Companhia Prosperidade, com o capital de quatrocentos contos de réis, empresa de vasto alcance, que os acontecimentos politicos de 1836 não deixaram desenvolver, apesar da manifesta utilidade que d'ella devia resultar ao paiz, e mais directamente ao municipio de Lisboa, pela communicação projectada entre Loures e o Tejo, por meio de um canal que facilitaria a chegada das embarcações á ponte de Loures, como já acontecera em tempos mais arredados. Dois annos apenas se demorou em Portugal, residindo na sua quinta de Carnide, partindo novamente para Inglaterra, na idéa de fundar uma casa commercial com seu cunhado, o que effectuou, voltando a Lisboa em 1840, satisfeito com a propria consciencia, por haver alargado a área dos seus emprehendimentos, em paiz tão propicio a operações commerciaes, quando prudente e habilmente dirigidas. Não lhe sorriu d'esta vez a fortuna, apesar do nobilissimo intuito com que o sr. visconde se aventurára aos azares da vida commercial, qual era abrir no futuro carreira a seus filhos segundos, por ser vinculada a sua casa, e como pae lhe doer o desvalimento em que os poderia deixar por sua morte. Em 1843, porém, fallia a casa commercial de Londres, arrastada pela quebra de outras casas com que estava em relações, e foi n'esta data, escreveu um seu consciencioso biographo, que se pôz claramente em evidencia a probidade do sr. visconde, que podendo esquivar-se a responsabilidades, as assumiu espontaneamente, combinando com os credores pagar-lhes os seus creditos em prestações, proposta acceite por elles, e que por muitos annos reduziu o voluntario devedor á mediocridade, forçando-o a renunciar não só aos esplendores, como até aos agasalhos e confortos da vida domestica! Tinha então o sr. visconde 38 annos de edade, mas não julgou nenhum sacrificio superior á sua vontade de homem, que antepunha ao proprio bem estar a honra do seu nome.

N'esta louvavel, e pouco vulgar intenção, retirou-se o sr. visconde da capital, e oito annos levou a trabalhar, e a economisar, até poder em 1851, remir-se dos seus debitos, e voltar a viver a vida desafogada que levava anteriormente ao periodo em que a probidade o forçára a relativas privações, que nunca lograram abater-lhe o animo viril. Em vez de se deixar vencer pelo infortunio, foi no retiro da sua quinta de Carnide que o sr. visconde robusteceu a paixão que já tinha pelos estudos agricolas, dando grande desenvolvimento aos trabalhos ruraes da sua propriedade; lendo e estudando sempre, e sempre com singular modestia falando dos resultados que colhia da applicação de novos processos agricolas, ou do emprego de modernas machinas, e só com enthusiasmo do modo por que a terra lh'o sabia agradecia. A prova mais cabal de que não eram só os seus negocios particulares, que mereciam os cuidados do prestante cidadão, de quem vamos dando noticia, está na maneira por que se desempenhou do encargo de vogal da commissão que em 1845 e 1846 exerceu as funcções municipaes, dirigindo ao governo representações, que fazem lembrar a hombridade das velhas corporações, que pugnavam pelas franquias e isempções das classes populares. Foi sempre o sr. visconde de Carnide, não só bem acceite, mas considerado, pelo excepcional escriptor o sr. Alexandre Herculano, e quem, como nós, conheceu o caracter austero do auctor da *Historia de Portugal*, não póde deixar de citar como um titulo de gloria para o sr. visconde, a boa conta em que sempre foi tido pelo primeiro escriptor dos nossos dias.

É impossivel enumerar, em um rapido artigo, os aturados serviços prestados pelo sr. visconde de Carnide á agricultura portugueza, de que faz longa enumeração na *Gazeta dos Lavradores* o esclarecido agronomo sr. Antonio Batalha Reis, que, aos seus conhecimentos technicos, reune apreciaveis qualidades de critico, e de escriptor. Este imparcial e competente julgador, resume assim o seu julgamento ácerca de seu biographado: «*Todas estas qualidades podem consubstanciarem-se em duas, representadas por uma independencia de caracter, quasi selvagem, reunida a uma extrema bondade, e a uma probidade expontanea, intransigente e natural.*» Ha muitos annos que o sr. visconde de Carnide fazia a sua exclusiva occupação de assumptos agricolas. Em 1863 contratava a *Revista Agronomica* para orgão da Associação de Agricultura; em 1866 protegia a publicação da *Revista Agricola*, e em 1878 fundava a *Gazeta dos Lavradores*, orgão da Real Associação Central d'Agricultura Portugueza, de que hoje é redactor principal o sr. Batalha Reis.

Promotor de varios concursos, e exposições especiaes, effectuadas em 1864, 1868, 1876, o seu auxilio não foi indifferente a nenhumas manifestações publicas do desenvolvimento das artes e sciencias agricolas, quer anteriores, quer posteriores, ás epochas que acima deixámos mencionadas. O sentimento patriotico, que não o interesse particular, actuava no seu espirito recto, e na sua cultivada intelligencia, fazendo-o vêr a regeneração do paiz, pela agricultura, de preferencia a quaesquer outras industrias, o que não o impediu de tomar parte em algumas empresas, senão alheias aos estudos da sua particular competencia, prendendo-se, pelo menos, a especulações mercantis, girando um pouco fóra da orbita das suas anteriores cogitações. Assim foi, que elle viu nascer e morrer a Companhia do Guano da Trafaria; e não darem prospero resultado outras empresas industriaes, a que alguns dos seus associados, mirando exclusivamente á ganancia, se não inspiravam como elle de mais elevados principios.

Entre as idéas prestadias, a que o visconde de Carnide não logrou dar fórma, avulta a fundação de uma projectada escola pratica de agricultura, com fins especiaes; intento, embora não realisado, que antecedeu quinze annos, o projecto ultimamente apresentado ás camaras pelo ex-ministro das obras publicas, Antonio Augusto d'Aguiar.

Ponte D. Luiz I, no Porto estado actual das obras (Segundo uma photographia da casa Biel & C.ª, do Porto)

O sr. visconde de Carnide foi o iniciador da introducção dos moinhos de vento authomaticos, em Portugal; e sempre tambem o primeiro, entre os nossos agricultores, a acceitar com alvoroço todos os melhoramentos, que a fecunda actividade do nosso seculo quasi diariamente realisa na esphera dos conhecimentos humanos, e com especialidade nos applicados a fecundar a terra. O sr. Batalha Reis diz possuir a minuta de uma representação que o sr. visconde de Carnide tencionava apresentar a S. A. o Principe Real, D. Carlos, onde se lê a desataviada declaração de que o interesse geral do paiz, e nunca o particular, o movêra a trabalhar: *por simples sympathia pela agricultura, e não por ostentação, ou por interesse directo*. Esta ingenua confissão de um octagenario, que não esperava nem pretendia galardões, seria o melhor dos epitaphios, a gravar sobre a sepultura do cidadão benemerito, a quem a patria deveu tantos, tão seguidos, e tão desinteressados serviços.

Visconde de Carnide — Fallecido em 19 de março de 1885
(Segundo uma photographia)

EGREJA MATRIZ DE SANTA MARIA DO OLIVAL, EM THOMAR

É um dos templos mais antigos que existe em Portugal e que pertenceu á ordem dos templarios, passando para a ordem de Christo em 1319.

Está edificado fóra da cidade de Thomar, para além do rio Nabão, e serve de egreja matriz da freguezia de Nossa Senhora do Olival ou dos Olivaes, que tem cerca de 1:000 fogos.

O templo apenas conserva da sua primitiva fundação a fachada principal de architectura gothica, tendo soffrido no interior grandes reedificações mandadas fazer por el-rei D. Manuel e por D. João III.

Tem tres naves e em uma capella do corpo da egreja estão as sepulturas dos mestres das ordens dos templarios e de Christo, para onde foram trasladadas do centro da egreja, perdendo-se por essa occasião os epitaphios das sepulturas d'aquelles illustres varões.

Na capella-mór é que ainda se conserva a sepultura de D. Gil Martins, primeiro mestre da ordem de Christo.

Entre os fastos gloriosos que tem relação com a egreja de Santa Maria do Olival, conta-se o de ter guardado as bandeiras de differentes chefes indianos e o estandarte do Soldão do Egypto, ganhos por D. Francisco d'Almeida, vice-rei da India, no combate da barra de Diu, em 3 de fevereiro de 1509, contra 200 navios de Mir-Hocém, general do Soldão, de Melique-As e do *Çamori*.

Este feito das armas portuguezas, é dos mais heroicos de que resa a historia e dos que mais illustram o valor do grande vice-rei da India D. Francisco d'Almeida.

O FERRO-VELHO

Estamos em presença de um dos typos mais caracteristicos que circula nas ruas de Lisboa, ou melhor, que circulou, visto que por uma notavel contradicção, o ferro-velho vae rareando por essas ruas, não obstante as condições economicas da capital serem cada vez mais criticas.

Para quem não vive em Lisboa, para quem só a conhece de visita e ignora as suas miserias intimas, avaliando-a apenas pelas exterioridades, pelo luxo que a maioria dos seus habitantes ostentam na vida exterior, em que todas as classes pretendem nivelar-se, com uma verdadeira democracia ridiculamente orgulhosa, confundindo-se o caixeiro com o capitalista, o operario com o pro-

THOMAR — Egreja matriz de Santa Maria do Olival (Segundo um desenho do natural de Ribeiro Arthur)

prietario, o patrão com o criado, a ponto do celebre jornalista Teixeira de Vasconcellos, procurando um dia um sujeito em sua casa, perguntava perplexo a uma mulher que lhe appareceu á porta luxuosamente vestida:—V. Ex.ª, S.ª ou Vm.cê faz favor de me dizer se o sr. F. está em casa...; para quem só vê Lisboa encadernada e arrebicada, sem saber o que se occulta por dentro d'esse exterior reluzente e invejavel, perguntará muito intrigado, que relação terá o ferro-velho com a vida economica da capital?

Não é difficil a resposta, porque justamente essa falsa ostentação, é uma das grandes causas que a ligam ao ferro-velho, e se este hoje não abunda pelas ruas e travessas, deitando o seu pregão monotono, surdo e fanhoso, que parece só ouvir-se quando a necessidade obriga a escutal-o, é porque tem um concorrente mais moderno, que não pregôa nas ruas, mas que abre as suas portas em quasi todas ellas, de dia ou de noite, com chuva ou bom tempo — o *prégo!*

Este concorrente que poz fóra de combate o ferro-velho, não se pense que o prejudicou absolutamente, cremos bem que até o favoreceu, que lhe tornou a vida mais commoda e lhe garantiu melhor os seus interesses, porque o *prégo* foi mais uma transformação que uma innovação. O ferro velho tambem podia aspirar a abrir casa de penhores, e isso tinha para elle a grande vantagem de o forrar a palmilhar ruas em busca de negocio; não precisava gastar sollas nem larynge, viriam procural-o, não já para lhe venderem as botas ou o chapéu de chuva velho, os chapéus aquicados ou as seringas rotas dos avós, os candieiros de tres bicos com balde, espevitador, tenaz e apagador, um arsenal, as armas ferrugentas e as guitarras encebadas, mas para empenharem objectos de mais valia e de mais facil liquidação, em casos de venda por atrazo de juros.

É por isto que o ferro velho rareia nas ruas, na razão do augmento das casas de *prégo*. Já se não espera pelo ferro-velho para salvar de um apuro de occasião, procura-se a primeira casa de penhores para esse fim; e este negocio que ainda ha vinte para trinta annos se fazia em Lisboa a occultas, com muitos receios e com muita vergonha, agora é negocio corrente, com taboleta e annuncios nos jornaes, e meia Lisboa vive empenhando hoje o que comprou hontem, quer para satisfazer a justas necessidades, quer para alimentar a sua *bohemia*.

O ferro-velho só apanha n'este *jogo de fundos* o que a casa de prégo não quer, e se algum tempo comprava casacas bordadas e colchas adamascadas, bons capotes de pano e pesados cobertores de papa, finas loiças e chrystaes, charões e sedas da India, tudo de mistura com as mil bugiarias que já referimos, na actualidade o seu commercio está reduzido a farrapos e a cacos, o que não impede de ainda assim lhe achar valor.

Elle compra tudo pelo que parecerá que entende de tudo, mas não; segue no seu negocio uma theoria que o não atraiçôa.

Se trata de comprar moveis velhos, compra-os pelo preço da lenha; se compra fato usado é pelo preço do trapo, se se trata d'armas de qualquer especie é pelo preço da sucata, e assim observa em todas as suas transacções de modo que nunca possa perder. Para os livros tem um systema infallivel, compraria o original dos Evangelhos a peso e quando se trata de quadros avalia só as molduras, no que não deixa de se parecer com muito bom burguez que não aparenta de ferro-velho.

Quando trata de vender, porém, muda completamente o seu systema, pede por qualquer ninharia um dinheirão, embora a venda por baixo preço.

Estamos convencidos que o ferro-velho é uma tradição viva do judaismo que infestou Lisboa nos primeiros seculos da monarchia, e que os primeiros commerciantes d'este genero deveriam ter sido judeus.

Não sabemos se ha alguma cousa estudada a este respeito, mas para confirmar a nossa opinião, bastará saber que ainda hoje em Lisboa, como em todas as capitaes da Europa, se encontram bazares de judeus onde se vendem objectos usados.

O ferro velho deve ter sido a succursal ambulante d'esses bazares, antes de ser a succursal da *Feira da Ladra*.

A *Feira da Ladra* é o seu ponto de reunião á terça feira. Alli faz elle exposição das mil ninharias que durante a semana reuniu na sua peregrinação por Lisboa, e não é raro encontrar entre essas ninharias muitas curiosidades de valor e muitas recordações queridas de familia.

O desenho reproduzido pela nossa gravura pertence a uma bella collecção de typos que o nosso collaborador e director artistico Manuel de Macedo tem archivado no seu album de curiosidades portuguezas.

MARIA DA FONTE

POR

CAMILLO CASTELLO BRANCO

Com este titulo, acaba o imminente prosador de publicar no Porto, um livro, que diz vir a proposito dos *Apontamentos para a historia da revolução do Minho em 1846*, escriptos pelo celebrado padre Casimiro, que tanto deu que falar de si como guerrilheiro, e que teve agora, no declinar da edade, a pouca prudencia de querer passar de problematico heroe que já era, a assoalhador das proprias façanhas, fazendo uma tal salgalhada das coisas divinas com as profanas, que custa a destrincar, em prosa tão confusa, o que deve conceder-se, ou negar-se, ao caudilho popular de ha quarenta annos atraz; ou em que grau devem ser acceites, ou repudiadas as asserções do sacerdote, que representa, sem dar por isso, o obscurantismo, alliado á intolerancia religiosa. Quem conhece a prosa resoluta, desenvoalhada, sarcastica, de Camillo Castello Branco, e é o paiz inteiro; poderá conjecturar, pelo rapido esboço que fizemos do livro do padre Casimiro, como o látego de uma critica humoristica e portuguezissima, caiu sobre o embroglio historico, que o velho guerrilheiro chrismou com o titulo de *Apontamentos*, e que se dividem em duas partes, em uma das quaes o padre saboreia as suas recordações de revolucionario; e na outra, a mais volumosa, se arremessa com imptos de colera, pouco evangelica, contra o partido liberal, alcunhando-o de muitos nomes feios, que, na ausencia de um bom diccionario da lingua, apimentou com dizeres novos, directamente tomados de emprestimo ás camadas sociaes menos avesadas a escolher vocabulos, para traduzir rancores. Camillo Casrello Branco, toma a si a questão, posta n'estes termos pelo padre Casimiro, e é um regalo para o leitor vêr o vigoroso estylista desfiar, uma a uma, quer as bellicosas basofias do *defensor das cinco chagas*, como o padre pouco ortodoxamente se assignava em 1846, quando proclamava ás suas gentes; quer as theorias religiosas do clerigo, eivadas de irritantes absurdos, e lamentações piegas sobre o que se lhe afigura a intervenção malefica do demonio nas consciencias do proximo. Nas primeiras paginas do livro de Camillo Castello Branco, procura-se indagar, se existiu ou não existiu a Maria da Fonte, que deu o seu nome á revolução de 1846, e cinco nem menos se apresentam a reclamar as honras da posteridade.

Duas das Marias da Fonte vem apadrinhadas pelo padre Casimiro, com especialidade uma d'ellas, que nascida em Fonte d'Arcada, leva de vencida a outra, que, por não ter nenhuma *fonte* a tornal-a verosimil, desde logo se denuncia como apocripha. Das tres restantes heroinas, toma conta de uma d'ellas Camillo Castello Branco, e em correcto desenho, comicamente accentuado, a apresenta ao publico, com as suas averiguadas tendencias para a impudicia, natural pendor para brigôna, e pronunciada inclinação para a vinhaça. Sobre as cinco viragos, concorrentes a representar a revolução popular do Minho, paira a suspeita, para alguns criticos, de que a Maria da Fonte não passou de um mytho, engenhosamente inventado para pôr cobro ás competencias masculinas dos que pretendiam arvorar-se em cabecilhasmores do movimento popular de 1846.

A Maria da Fonte, de Camillo Castello Branco, se não é a genuina, pelo menos é a mais litteraria e artistica das moçoilas que empunharam a fouce, de que resam as cantigas populares do tempo. N'este pleito entre as varias Marias, Camillo Castello Branco chama á auctoria, como advogado d'uma d'ellas, o erudito auctor do *Portugal Contemporaneo*, e contesta-lhe a opinião que dá como nascida na Povoa de Lanhoso a authentica Maria da Fonte, a que por um triz não deu cabo da monarchia. A segunda parte do livro de Camillo Castello Branco, que elle intitula *Casimiro o Presbytero*, é o mais fertil manancial, não diremos do riso gaulez, que passa por ser o mais franco dos risos conhecidos, mas da nossa velha gargalhada portugueza, que não fica a dever nada ás alegrias de nenhum outro povo.

A verdadeira agiotagem com que Camillo Castello Branco desconta os milagres, que o padre diz ter devido á Nossa Senhora, nas suas refregas de guerrilheiro; é tambem um picante desenjoativo, que prepara o espirito do leitor para as narrativas lepidas que se succedem sem interrupção umas ás outras, apanhando como n'uma rede varredoira muita cleresia desnortada pelo rumor das armas, e muitos pseudo-generaes, attonitos de se verem mettidos em cavallarias altas. Apesar do tom galhofeiro em que está escripto, o livro de Camillo Castello Branco, é justo, bizarro na apreciação dos homens e das coisas. Esquerdo com a leitura que fizera das locubrações litterarias do padre Casimiro, o auctor da *Maria da Fonte*, não se cança em querer ensinar o padre-nosso ao vigario, pune-lhe a ousadia de escriptor guerrilheiro com este simples remoque: *O Remechido nada escreveu; e todavia tem uma pagina indelevel na historia das dedições desgraçadas até ao heroismo.* Que é como dizer ao outro: *se você não tivesse posto a penna em papel, talvez, e ainda assim lh'o não affirmo, a sua clavina ficasse com mais direitos a figurar na manoplia de um amador de raridades do que escrevendo os seus Commentarios; porque emfim, nem todos podem, como Camões ter:* N'uma mão a espada e n'outra a penna.

A parte ultima do livro de Camillo Castello Branco, que se refere ao *Epistolario* do padre Casimiro, abundante e aristocratico, por ser quasi exclusivamente dirigido a reis, imperadores e papas, não desdiz da boa feição com que são mettidos á bulha os incruentos feitos d'armas do protogonista da revolução minhôta, nem as homilias semiprofanas do tonsorado. Ao terminar a lista dos reaes destinatarios a quem o padre Casimiro dirigiu sem ceremonia as suas missivas, Camillo Castello Branco, que ás vezes dá beliscões, que não deixam nodoa negra nas carnes, diz ingenuamente: *Nem Victor Hugo, o mortal mais epistolar que se conhece, tem escripto a tantos principes.* Só d'esta cajadada matou elle dois coelhos.

Em resumo: o livro de Camillo Castello Branco é uma paraphrase humoristica, sadia, desembaraçada dos trambolhos das meias palavras insidiosas, como deve quem quer dizer tudo o que lhe anda a espicaçar a consciencia. Um outro valioso alcance teve a *Maria da Fonte* do auctor do *Eusebio Macario:* foi ajudar a vender o livro do padre Casimiro, que se não é Camillo Castello Branco metter-lhe hombros para o desatascar da indifferença publica, corria o perigo de ficar a dormir nas livrarias, ao lado de muitas outras obras que não são com certeza... de misericordia.

L. A. Palmeirim.

O DOUTOR BALDY

(Continuado do n.º 228)

II

O dr. Luiz José Baldy nasceu em Bemfica, aos 14 de junho de 1822.

Sua mãe era portugueza e uma senhora formosissima como se vê d'um bello retrato a oleo que o dr. Baldy tem sobre a sua secretaria, no seu gabinete de trabalho: seu pae era um esculptor italiano, Fideli Baldy.

Luiz José Baldy fez os seus estudos de medicina na escola medica de Lisboa, e apenas concluidos esses estudos, ávido de saber mais, de conhecer mundo, de completar a sua educação scientifica, na grande escola das viagens, fez as suas economias, e com um peculiosinho pequeno, feito á custa de muitos sacrificios, partiu a viajar pela Europa, a visitar a Italia onde tinha parentes de seu pae e onde frequentou com distincção a Universidade de Piza, doutorando-se na faculdade de medicina, e obtendo louvores de todos os illustres medicos d'essa Universidade no seu exame vago final.

As saudades de sua mãe trouxeram-n'o outra vez para Lisboa, sacrificando ao amor de filho os interesses e gloria que o esperavam se continuasse em Italia a sua vida medica

De volta a Portugal o dr. Baldy começou a exercer clinica e com tanto tacto medico, com tanta dedicação e felicidade que obteve rapidamente numerosa clientella e brilhante fama.

Medico por vocação, por feitio, por indole, o dr. Baldy dedicou-se de corpo e alma á sciencia e nunca quiz saber d'outra coisa.

A politica, as honras sociaes, as glorias mundanas nunca o seduziram — era medico e medico se tem sempre conservado, alheio completamente ás luctas dos partidos, ás labutações da politica: não tratando senão da sua sciencia, estudando sempre, acompanhando todo o movimento medico moderno, sempre em dia com todas as observações e descobertas mais recentes da sciencia.

A vida do dr. Baldy é ha muitos annos exclusivamente isto. Nunca ninguem o vê n'um theatro, é raro encontral-o n'uma *soirée*, a não ser duas ou tres vezes no anno em casa dos seus mais intimos amigos.

Passa litteralmente toda a sua existencia a vêr doentes e a lêr as ultimas novidades medicas.

O dr. Baldy levanta-se muito cedo: e tem logo

á porta de sua casa uma multidão de gente pobre do sitio e das proximidades que alli o vae consultar.

O dr. Baldy attende todos com a maior sollicitude, e em vez de receber dinheiro pelas suas receitas a maior parte das vezes paga-as aos doentes.

Depois faz a sua clinica alli pelos arredores, almoça, e vem para a baixa.

Todos os dias o dr. Baldy sae de casa com uma relação de vinte a trinta doentes. Na pharmacia Barreto, a sua estação, essa lista augmenta-se quotidianamente com dez a quinze recados *urgentes.* Á tarde ás seis horas o illustre medico sem ter descansado um momento chega a casa, janta a correr e vem para a consulta na pharmacia Barreto, onde o espera todas as noites uma multidão enorme de doentes, que enche toda a botica e muitas vezes se alastra em *queue* pela rua do Loreto.

Chova ou vento o dr. Baldy nunca falta á sua consulta da noite, pontualidade tanto mais extranha quanto essa consulta é absolutamente gratuita.

É mais que gratuita, no fim de contas, porque todos os annos o dr. Baldy paga á pharmacia Barreto quatrocentos ou quinhentos mil réis de remedios, que manda dar aos seus doentes pobres!

É por isso que ainda ha pouco um dos medicos hoje mais notaveis de Lisboa, e que está agora em plena nomeada, o dr. Ravara, me dizia, falando-me do dr. Baldy.

— É o medico que vê mais doentes e é talvez aquelle que ganha menos dinheiro.

Não póde haver maior elogio para a sciencia d'um medico e para o caracter d'um homem.

*

* *

E effectivamente é assim.

O dr. Baldy quando é chamado para vêr um doente, não se importa senão com a doença, não faz caso nenhum do dinheiro.

A sua dedicação é igual para toda a gente, não se mede pelo preço das visitas.

Se o doente está em perigo visita-o quatro, cinco, seis vezes ao dia, perde horas e horas ao pé d'elle, seja um millionario, seja um indigente.

Com uma differença apenas.

Se o doente é pobre, deixa-lhe á sahida dinheiro para os remedios e para os caldos!

Esta abnegação santa e rarissima junta á grande experiencia de medico que lhe vem da sua ampla clinica, e á profunda sciencia que lhe vem do seu constante estudo, fazem do dr. Baldy o ideal do medico.

É por isso que de toda a parte chovem em casa d'elle empenhos para tomar conta de doentes, é por isso que a sua opinião auctorisadissima, o seu sabio conselho, é quotidianamente sollicitado para casos difficeis, para conferencias com os mais illustres medicos de Lisboa.

N'essas conferencias o dr. Baldy assombra os seus collegas pela nitidez do seu diagnostico, pela certeza do seu prognostico, pelos profundos conhecimentos scientificos que desenvolve, pelo grande olho medico de que dá constantes provas.

Doente que o dr. Baldy condemna está perdido irremediavelmente, mas tambem quando elle diz que se salva é certo que a morte foge para longe.

O dr. Daniel de Lima, de quem já falei n'esta biographia, disse-me uma vez que quando tinha uma conferencia com o dr. Baldy estudava tanto ou mais como quando estava para fazer exame de materia medica: uma conferencia com um homem tão experiente e tão versado em sciencia, é um verdadeiro exame.

(Continúa) *Gervasio Lobato.*

D. LUIZA DE GUSMÃO

(Estudo historico)

Os seculos passados, legaram-nos os elementos indispensaveis para refazer a historia, apenas por elles esboçada em grossos volumes, em que abundam os factos, e escaceia a critica. A synthese, a chave de todo o discurso proveitoso, desapparece, das nossas chronicas, para deixar á mercê de conjecturas os factos isolados, narrados sem se lhes tirarem provas immediatas, arriscando o leitor a desacertar no conjuncto d'elles. A liberdade de pensamento e a sua manifestação escripta, é o primeiro caracteristico do tempo em que vivemos.

Procurar acertar com a verdade, é dever nosso, usando amplamente do direito conquistado de pôr de parte muitas das considerações de conveniencia, que nossos avós, eram forçados a respeitar. Para isto, se de pessoas se trata, é para que servem e prestam as monographias, que cingem o individuo n'um circulo de ferro, indagando-lhe a palavra, approximando-lhe e commentando-lhe os actos da vida intima, estudando o theatro em que foi actor, destacando-o por vezes do convivio de outras figuras accessorias, para bem deixar sobresair as feições do protogonista, de que se pretende reproduzir o caracter, ou indicar a influencia.

Este foi o methodo, seguido por Victor Cousin, para apresentar ao publico algumas das mulheres celebres do seculo XVII; este foi tambem o processo adoptado por Lamartine, nos pittorescos episodios da *Historia dos Girondinos*, destacando da grande téla da revolução os seus heroes, para individualmente os apresentar á curiosidade publica, com todas as suas virtudes, e todos os vicios inherentes á fragilidade da condição humana.

Nós vamos aqui estudar uma figura de mulher, de uma rainha, que tomou parte activa na politica agitada de dois reinados; em um d'elles como esposa do reinante; em outro; como mãe de dois principes entre si desavindos, e por egual pouco respeitadores das conveniencias sociaes, e do decoro devido á magestade do throno. Ao falar, como vamos fazer, de D. Luiza de Gusmão, affigura-se-nos que a historia tem sido para ella mais lisongeira do que imparcial; engrandecendo-lhe o supposto animo varonil, e lançando no escuro as provoações da sua vida domestica; tão intimamente ligada ao periodo de uma regencia, em que os negocios publicos corriam parelhas com as demasias e devassidões do herdeiro do throno, seu filho e seu tutellado; e as rivalidades dos cortezãos, acirrados pelo antagonismo, senão odio, dos chefes fratrecidas dos dois respectivos bandos hostis.

Não pretendemos dar n'este estudo novidades historicas a respeito de D. Luiza de Gusmão, que crêmos mesmo não existirem; nem andarem perdidas, como tantas outras, pela penumbra dos archivos, retidas em mãos aváras, ou na posse de obscuros possuidores, pouco propensos a averiguar a verdade dos factos historicos.

O nosso fito unico, é dar á mulher, a parte que innegavelmente lhe pertence como esposa, e como mãe; acompanhando-a como tal na sua via dolorosa; para lhe negar as aptidões politicas que a historia se compraz em attribuir-lhe.

No desempenho d'este proposito não carecemos da luz de novos documentos, bastam-nos os que existem; mas para isso é necessario approximal-os, confrontal-os; não lhes metter de permeio narrativas de batalhas; de tratados; de conspirações; de embaixadas; e, quando isto feito, apparecer-nos-ha a verdadeira D. Luiza de Gusmão, ciosa do duque seu marido, como qualquer mulher de inferior esphera social; mãe amante de seus filhos, e como tal fraca como todas as mães; enfastiada das grandezas do mundo, e d'ellas abdicando, para se acolher á sombra tranquilla d'um mosteiro. Estes são os topicos do caracter de D. Luiza de Gusmão. Dos seus dotes politicos, da sua sagacidade, da virilidade do seu animo, é que nos é mais difficil encontrar as provas, a não as querermos consubstanciar todas em um unico dito, problematico, que a historia perfilha á sombra de um é *fama*, que não pode servir de base a uma affirmativa cathegorica. Diz-se, que o duque de Bragança depois de haver consultado o seu secretario Antonio Paes Viegas, sobre se devia, ou não devia acceitar o throno que lhe offereciam, e recebendo d'elle uma resposta affirmativa, consultára em seguida a duqueza, sua mulher, que o tirára das perplexidades em que elle se via, dizendo: *que tinha por mais acertado morrer reynando, que acabar servindo*; palavras que os manuaes da historia nacional paraphrasearam d'este modo: *antes ser uma hora rainha, do que duqueza toda a vida*; e que ficaram sendo como o traslado do pensar varonil de D. Luiza de Gusmão. O facto do duque de Bragança ter sido a *unica pessoa* que ouviu a replica da duqueza, que na *sua camara fôra consultada, sem testemunhas*, tira toda a authenticidade á euphonica resposta da duqueza, que contava então apenas 27 annos de edade, e 7 de pouco bem casada, sendo mais natural que ella antes ambicionasse trazer seu marido a bom caminho, do que proporcionar-lhe novas e mais faceis occasiões de exercer a sua versatilidade conjugal. O casamento do duque de Bragança não fôra, como se sabe, um casamento de inclinação, mas sim resolvido por inculcas, e argumentos de D. Francisco de Mello, que vieram a prevalecer sobre as de D. Fernando de Faro, que pretendia casal-o com D. Marianna de Toledo e Portugal, filha dos condes de Oropeza. Tinha o duque de Bragança apenas 28 annos quando casou, e no dizer de um dos seus biographos o duque D. Theodosio, seu pae, entendia: *que crear um filho com magestade, era fazel-o reo d'ella*, aphorismo que o duque D. João traduzira ao pé da letra, não se fazendo reo da magestade em assumptos amorosos, dando largas aos impulsos de seu juvenil coração, com funda magua da esposa, que o via deleitar-se mais nas aventuras da tapada de Villa Viçosa, do que prender-se aos serões domesticos do palacio ducal. D'ahi os ciumes proprios da mulher, senão indignos de uma heroina, menos proprios para os podermos aquilatar com indicios de um espirito despreoccupado. E' verdade que os noticiaristas coevos do casamento de D. Luiza de Gusmão, transmittindo á posteridade as côres dos cavallos que montavam D. Duarte e D. Alexandre, irmãos do duque de Bragança, quando foram á raia esperar a duqueza (por signal que o cavallo de D. Duarte era *ruço pombo*, e o de D. Alexandre *mulado rodado de branco)*, nada dizendo da formosura da noiva, deixam suspeitar que esta viria em breve a ter fundamentos com que justificar os ciumes que lhe inspiravam as alemtejanas, que não iam por innocentes encontrar-se clandestinamente com o duque de Bragança.

Apesar dos desvios conjugaes do duque D. João, que a duqueza attribuia a ruins conselhos de seu cunhado D. Duarte, as discordias domesticas cessaram com o nascimento do principe D. Theodosio, e parece que nunca mais se renovaram, sendo esta nossa opinião fundada, na larga descendencia que D. Luiza de Gusmão deu a seu marido, e a não ter até deixado por sua morte mais do que uma filha illegitima, que foi freira carmelita, e que pelo affecto que a seu pae mereceu, devemos suppor que n'ella se revia como em saudosa recordação de um amor nunca totalmente extincto no seu coração.

(Continua) *L. A. Palmeirim.*

RESENHA NOTICIOSA

RUSSIA E INGLATERRA. São graves as ultimas noticias relativas ao conflicto levantado entre estas duas potencias a proposito do Afghanistan. Não obstante se ter dito que a Russia não fazia preparativos alguns, sabe-se já que ella chamou ás armas a primeira reserva, que tem os seus portos do mar negro, Odessa, Batum, etc., muito bem providos, e que estes ficando muito mais proximos da Asia central lhe proporcionam uma base de operações segura. A Inglaterra tambem se prepara, mas as campanhas do Egypto e do Transwaal deixam muito em duvida a sua pericia militar por terra, contra um inimigo resoluto, forte e conhecedor do paiz. Notas sobre notas, propostas sobre propostas, é o que o telegrapho nos annuncia, umas que parecem ter algum fundamento, outras que são verdadeiros disparates. No meio d'isto a refalsada Allemanha parece fingir uma especie de mediação, que estamos bem longe de considerar sincera, e antes acreditamos ser contraria á Inglaterra. A Turquia, advertida pelas potencias occidentaes, promette respeitar a neutralidade do Bosphoro, garantida nos tratados, mas a Inglaterra respeitará essa neutralidade só favoravel agora á Russia? O czar partiu ou vae partir para Moscow, a cidade santa dos russos, onde se diz publicará um manifesto; será a declaração da guerra? será a explicação do procedimento da Russia até agora? Isto contrasta com a prudencia do ministerio inglez, que se abstem de responder ás interrogações que lhe fazem nas camaras, porque essas respostas as consideraria como dadas á Russia. Ha muito que dura este estado de incerteza, prejudicial a toda a Europa, mas não póde tardar o dia em que as duas grandes potencias se medirão corpo a corpo, ou accordarão em um meio honesto de compôr as suas differenças. Quanto deve estar abatido o orgulho britannico! Chegará John Bull a reconhecer os effeitos do seu profundo egoismo?

SÔR MARTHA. Foi agraciada com a legião de honra, esta caridosa religiosa, superiora do collegio das irmãs da caridade da Argelia, pelos eminentes serviços prestados aos seus irmãos, durante a ultima epidemia do cholera *morbus*, que invadiu e dizimou a população de Oran. A cruz foi-lhe posta ao peito com toda a solemnidade em acto publico, assistindo um grande concurso de povo, todas as auctoridades, achando-se a superiora cercada pelas suas irmãs em Christo.

FRANÇA E CHINA. A maior prova da leviandade franceza e de que a experiencia lhe não corrige o caracter, está no aspecto que tomou a população de Paris e as camaras francezes na occasião da chegada das noticias que annunciavam o desastre de Lang-Sou. N'essa mesma occasião, ou pouco depois, chegavam noticias favoraveis ao estabelecimento dos preliminares da paz, que hoje se acham completamente assentes, tendo-se dado já

principio á sua execução e suspendido as hostilidades. Para isto não valia a pena tumultuar contra o ministerio Ferry, pedir a sua condemnação, quando por fim de contas foi elle que tratou de tudo, colhendo os seus successores o fructo dos esforços d'aquelle. Em boa hora se faça a paz, é o que desejamos.

Descendente de Goethe. Falleceu ha pouco em Weimar, patria do grande poeta allemão, o seu ultimo descendente, o barão Wolther Wolfgang Goethe. Deixou, por seu testamento, ao estado a casa do poeta, com todas as bemfeitorias e novos accrescentos, como jardim, museu e collecções com dez mil thalers, para o custeio da propriedade, da qual ficou instituida herdeira a cidade, assim como das obras posthumas o ficou a gran-duqueza de Saxe-Weimar.

Escolas agricolas. Varias camaras municipaes teem representado ao parlamento, pedindo a approvação do projecto do illustre ministro A. A. de Aguiar, relativo ás escolas agricolas. Como este illustrado homem de sciencia e de estado tratava mais de administração que de politica, foi sacrificado por esta, mas, mais agora ou mais logo, as necessidades publicas hão de forçar os seus successores a dar execução aos seus projectos.

Guilherme de Azevedo. Raphael Bordallo Pinheiro está tratando de promover uma representação da comedia *Rosalino*, de Guilherme de Azevedo, desempenhada pelos primeiros actores portuguezes, no palco do theatro de S. Carlos. Esta recita promette ser um verdadeiro acontecimento theatral, não só porque todos os papeis da comedia serão desempenhados pelos mais distinctos artistas, mas porque o seu producto será des tinado ás despezas de trasladação dos restos do inimitavel escriptor, de Paris para Santarem, terra da sua naturalidade, onde lhe será levantado um modesto tumulo. Applaudimos sinceramente a iniciativa de Bordallo Pinheiro, que honra a memoria do seu e nosso querido amigo Guilherme de Azevedo, primeiro collaborador litterario do *Antonio Maria* e primeiro director litterario do Occidente.

TYPOS DE LISBOA — O Ferro-velho (Desenho de M. de Macedo)

Rosetti. Falleceu este homem distincto, um dos mais notaveis poetas e estadistas da Rumania. Constantino Rosetti nasceu em 1815, e muito moço ainda alistou-se no exercito. Não se demorou porém muito tempo entregue aos exercicios de Marte, e deu baixa para se entregar ás lettras. Estreiou-se com algumas traducções do francez, até que publicou os *Cantos da Ventura*, que foram muito agradavelmente festejados. Chefe de policia em Pitesti, e procurador do tribunal civil em Bucharest, fundou pouco depois uma livraria. A sua entrada na carreira politica, filiára-se no partido democratico, no qual occupava lugar eminente em 1848. Preso n'este anno quando rebentou o movimento que derribou o principe Bibesco, foi libertado pelo povo e entrou na administração politica. Mais tarde, preso ainda pelo governo ottomano, conseguiu evadir-se, graças á dedicação de sua esposa. Refugiou-se então em Paris, onde publicou muitos folhetos importantes, e fundou a *Rumania Futura*. Em 1859 voltou á Valachia, e sendo logo eleito deputado, foi-lhe em seguida entregue a pasta da instrucção publica e cultos, que pouco tempo conservou. Os seus talentos e serviços chamaram-n'o á direcção do partido liberal, e ao fim de alguns annos foi nomeado presidente da camara legislativa em 1876 Por sua influencia foi que a Rumania, no anno seguinte, proclamou a sua independencia. Rosetti entrou de novo no ministerio em 1878, com a pasta do interior, que conservou até 1880. Tendo porém n'estes ultimos annos tido varias divergencias com o seu amigo e grande patriota João Bratiano, retirou-se da politica e recusou-se a acceitar todas as candidaturas ás camaras legislativas. Fundou e dirigiu o *Romanulul*, um dos orgãos mais importantes da imprensa politica da Rumania. O seu nome, a sua pessoa, gosavam de immensa popularidade, e a Rumania considera a sua morte como um luto nacional.

Fallecimento. Victima de uma pertinaz enfermidade, finou-se no dia 24 do mez findo pelas 10 horas da noite a viuva do grande estadista e orador Manuel da Silva Passos, D. Gervasia de Sousa Falcão Passos Manuel, senhora muito respeitavel pelas suas virtudes. Deixa duas filhas, a sr.ª viscondessa de Passos e Ferreri, que ha muitas annos soffre de uma cruel enfermidade, e a sr.ª D. Antonia de Passos Canavarro. Possuia a illustre finada avultada fortuna, herdada da casa de seus paes.

Cofre de beneficencia. O sr. Peito de Carvalho, dignissimo governador civil de Lisboa, projectou estabelecer no edificio do Governo Civil um cofre de beneficencia publica, onde os habitantes da capital e outros poderão depositar o seu obolo. O producto d'este cofre junto ás sobras das contas das irmandades, que o sr. governador civil vae solicitar, e á verba que o Estado vota para a beneficencia publica, deverão produzir o sufficiente ou rasoavel para acudir á pobreza envergonhada de Lisboa.

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

Narcoticos, *ou Ensaios poeticos*—Lisboa, Typographia Elzeviriana, rua Oriental do Passeio, 8 a 20, 1884, por A. Card. — Não obstante não padecermos de insomnias, foi-nos mandado este folheto que consta de 36 paginas, contendo 23 poesias. Não conhecemos o auctor, mas não nos levará a mal que lhe aconselhemos estudo na medição do verso, e fugir quanto possivel d'uma figura que tem um nome um pouco arrevezado, e pela qual os nossos poetas que mais d'ella usaram, nunca chegaram ao abuso de escrever, *inf'rno, ap'nas, melanc'lia, cent'peia, cr'ança*, que transformam o portuguez quasi em lingua bunda.

Boletim da Sociedade de Geographia de Lisboa, fundada em 1875, — 4.ª série, n.º 10 — Lisboa, Imprensa Nacional, 1883. Contém os seguintes artigos: *Oppide restituta, As cidades mortas de Portugal*, pelo sr. A. C. Borges de Figueiredo, que começa pela mais conhecida *Cetobriga*, assente na margem esquerda do Sado, em frente de Setubal, no sitio chamado *Troia*; *Africa occidental portugueza, a fronteira do sul*, cartas do superior da missão da Huilla ao sr. F. Pedroso, onde se relatam pormenores interessantes ácerca da occupação allemã e outros factos importantes com relação a pretensões extrangeiras, successos de algumas colonisações nos nossos territorios, missões, etc.; *Timor, usos e superstições de guerra*, pelo sr. major J. dos Santos Vaquinas, e a relação da *Expedição de Francisco Barreto*, ou relação da viagem que fizeram os padres da Companhia de Jesus com Francisco Barreto na conquista de Monomotapa no anno de 1569, feita pelo padre Monclaio da mesma companhia. O n.º 11 contém: *Breve estudo sobre colonias agricolas*, pelo sr. Roque de Seixas; *Viagem á Serra do Gerez e suas Caldas em setembro de 1882*, e a continuação e conclusão da expedição de Francisco Barreto.

Relatorio da direcção da Sociedade Martins-Sarmento, promotora da instrucção popular no concelho de Guimarães... Porto, Typographia de A. J. da Silva Teixeira, rua da Cancella Velha, 70, 1885. E' recente, como os nossos leitores sabem, a instituição d'esta sociedade, homenagem prestada aos serviços do abastado e incansavel archeologo o sr. Martins Sarmento, mas os trabalhos d'ella são já valiosos e o seu progresso incontestavel, como demonstram as diversas partes do relatorio, pela instrucção derramada a um numero importante de alumnos, organisação de estabelecimentos e a verba de receita que já monta a 1:239$460 réis. Sociedades d'estas organisadas em cada terra importante de Portugal, faziam levantar em breve o nivel da illustração e desenvolvimento do paiz.

Paraiso Perdido, por Milton, poema epico em doze cantos, com illustrações de Gustavo Doré, traducção em verso portuguez pelo dr. Antonio José de Lima Leitão, revista, prefaciada, annotada e ampliada com a biographia do poeta e a analyse do poema, por Xavier da Cunha, edição de David Corazzi, Lisboa. Fasciculos 26 e 27.

O Cancioneiro Musical Portuguez, por G. R. Salvini, 40 melodias para canto com acompanhamento de piano, lettra dos principaes poetas portuguezes, edição de David Corazzi, Lisboa. Fasciculos 15, 16 e 17.

A Moda, publicação trimensal com figurinos em phototypia, offerecida aos consumidores e revendedores da real e imperial chapelaria a vapor de Costa Braga & Filhos, Porto. Publica figurinos de chapeus para a primavera.

A Intelligencia dos Animaes, por Ernesto Menault, traducção de Alexandre da Conceição, Magalhães & Moniz, editores, Porto. Um volume de 336 paginas, illustrado com 60 gravuras intercaladas no texto. Pertence á *Bibliotheca das Maravilhas*, que os srs. Magalhães & Moniz conhecidos livreiros editores estabelecidos, no Porto, tem dado á estampa, com geral agrado do publico, a quem este genero de leitura interessa e deleita ao mesmo tempo. *A Intelligencia dos Animaes* é sobre todos os livros d'esta bibliotheca o que mais condições tem de agradar pela amenidade do assumpto. Occupando-se desde a industriosa formiga dos campos até á fera dos sertões, desde o animal domestico até aos peixes do mar, das aves e dos reptis, de todos os seres emfim, que o maior desenvolvimento do instincto muitas vezes se approxima da racionalidade, apontando exemplos e referindo casos extremamente curiosos, que tornam o livro verdadeiramente attractivo.

Flôres de Caridade, numero unico, offerecido pela empresa do *Diario Illustrado* á ex.ma commissão de senhoras, promotora do bazar em beneficio do Asylo de Nossa Senhora da Conceição para raparigas abandonadas, etc. Esta publicação adornada com uma gravura representando o Asylo de Nossa Senhora da Conceição e os retratos dos srs. Luiz de Carvalho Daun e Lorena, Francisco Simões Margiochi, e dr. Marinho da Cruz, e collaborado pelos nossos mais distinctos escriptores, foi bizarramente offerecido pelo nosso amigo Pedro Correia, para ser vendido na kermesse do Passeio da Estrella.

Typ. Elzeviriana — Praça dos Restauradores, 50 a 56 — Lisboa.